

REPRESENTAÇÃO MENTAL E INTENCIONALIDADE

Henrique Lennon Moreira Pinheiro¹; Juliano Santos Do Carmo²

¹Universidade Federal de Pelotas – lenonmp47@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – juliano.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema central a relação entre representação mental e intencionalidade no âmbito da filosofia da mente, encontrando-se, portanto, na área da epistemologia e filosofia analítica contemporânea. A questão que orienta o estudo é a de compreender por que a noção de representação é fundamental para explicar a intencionalidade dos estados mentais, isto é, a capacidade que esses estados possuem de se referirem a algo, de terem um “sobre o que” ou um “acerca de” em seu conteúdo. Foram usadas como fonte de material de estudo os verbetes JACOB, Pierre. **Intentionality**. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. First published Aug. 7, 2003; substantive revision Feb. 7, 2023., e PITT, David. **Mental representation**. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. First published Mar. 30, 2000; substantive revision Jan. 21, 2020., a obra JOHN R. SEARLE. **Intencionalidade**. Martins Fontes. 2002., RITCHIE, Jack. **Naturalismo**. Londres: Routledge, 2014. e estudos da disciplina de Neurociência disponibilizada pela UFPel.

John Searle, em sua obra “Intentionality” (1983), se debruça sobre diversos conceitos importantes discutidos no âmbito da filosofia da mente, em defesa de uma visão da mente como fenômeno natural (fenomenalmente consciente, biologicamente fundada). A mente tem como característica a intencionalidade, ou seja, uma propriedade essencial, que direciona a mente a ser sobre algo, estados ou processos mentais. Segundo o autor, esses estados mentais só podem ser avaliados como bem-sucedidos ou fracassados, diante a comparação dos conteúdos mentais com as realidade do mundo, externo ao sujeito, e para isso introduz a ideia de condição de satisfação.

Cada condição de satisfação muda, também a direção de ajuste, de acordo com o estado mental a ser avaliado, por exemplo, na maior parte das vezes, estados mentais cognitivos como a crença, teriam uma direção de ajuste “mente para o mundo” (a mente deve se ajustar ao mundo), já sobre alguns estados conativos, como o desejo por exemplo, tem direção de ajuste “mundo para a

mente” (o mundo deve se ajustar ao desejo). Assim, para o autor, para definir um estado mental de intencional, ele deve ter: um conteúdo proposicional (uma representação); um estado mental/psicológico (crença, desejo e etc.), uma condição de satisfação e a direção de ajuste.

Conteúdo proposicional e veículo, é uma das distinções que o autor traz. A começar pelo veículo que consiste no suporte físico que torna possível os estados e processos mentais, que no contexto biológico, consiste nas conexões sinápticas e padrões de ativamento neural. O conteúdo de uma representação, por exemplo, é proposicional e semântico, podendo ser avaliado como verdadeiro ou falso. Enquanto na relação entre veículo e conteúdo, é possível que haja uma pluralidade de veículos (visão, linguagem e etc) que podem vir a representar o mesmo conteúdo de maneiras distintas, ou o mesmo veículo neural, pode vir a sustentar conteúdos diferentes, em momentos distintos.

Em sua obra, John Searle introduz o conceito de “background”, para descrever as habilidades tácitas, disposições práticas e padrões culturais que funciona como uma espécie de “infra estrutura semântica”, que opera como condição de possibilidade para a intencionalidade (que influencia diretamente nos estados mentais). Na perspectiva epistemológica o background revela que a confiança nas nossas crenças, repousa não em um processo que passou por uma introspecção interna, mas em processos automáticos e contextualmente sensíveis, todavia de eficácia prática.

Posições epistêmicas como a do Internalismo, tem suas divergências, por exemplo, ao prender as justificações de uma crença a processos internos e que sejam acessíveis ao sujeito. Porém essa perspectiva também tem suas limitações, como a exigência excessiva de acesso reflexivo, esses critério exclui crenças que são formadas por processos automáticos que poderiam ser epistemicamente confiáveis (por exemplo, a percepção instantânea de visualização de uma expressão facial feita por um terceiro).

Ainda existe o problema da transparência epistêmica, que traz a ideia de que a mente é totalmente transparente a si mesma, que pode sustentar uma espécie de epistemologia introspectiva infalível. Porém como visto no conceito de background de Searle, algumas de nossas crenças ou até representações que sustentam outros estados mentais além desta, podem ser criadas de forma inconsciente. Outro ponto que reforça a falta de transparência total é o conceito

de intencionalidade derivada, que se refere a símbolos e linguagens (como palavras ou mapas) que apontam para algo, o que demonstraria a intencionalidade de quem as criou, porém é difícil dizer até onde a compreensão foi completa, e o sujeito comprehendeu o que se fala, sem entender completamente a intencionalidade do sujeito que a criou. algo assim pode ser vista em palavras que tem uma história preconceituosa, e são usadas por pessoas que as usem, mesmo que às vezes podem estar ignorantes a tal significado pejorativo. Tal situação mostra uma possível falta de compreensão das crenças que se encontram na mente.

Mesmo ao se fazer ciência contemporaneamente, se é perceptível que os autores de pesquisas, em alguns casos não tem aceitam resultados de técnicas que não necessariamente dominam, afinal em casos assim o sucesso prático mostra que a justificação repousa, em sua sua maioria no resultado externo e não na introspecção dos mecanismos usados. Um exemplo poderia ser os diagnósticos por imagem por I.A., que são treinados para detectar anomalias em imagens médicas

Adequação entre representação e mundo é também um problema que teve grande foco na modernidade, com autores de grande renome na história da filosofia, como René Descartes e Immanuel Kant. O problema trata de forma sucinta sobre: como e até onde nossas representações correspondem ao mundo, se a mente acessa o mundo de forma adequada, ou se nossas representações correspondem a erros/ilusões. Nesse contexto, o autor J. Searle, oferece o conceito já citado que pode ser importante, “Direção de ajuste”, que nos casos dos estados mentais cognitivos, como crença e representação apontam uma adequação da mente ao mundo, funcionando de forma descritiva, o que mostraria o desafio de até onde tal função teria sucesso. O confiabilista nesse cenário recusa o internalismo, e externaliza o critério de adequação, pondo a justificação (como já citado), no processo cognitivo que gera a representação e posteriormente a crença.

2. METODOLOGIA

Foi usada a forma de análise qualitativa, onde mantive meu foco sobre o texto Intencionalidade, através de leituras, releituras, fichamentos e o uso de títulos complementares para entender a compreender melhor a obra de J. Searle.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns dos aspectos encontrados através das leituras e fichamentos entre a relação do modelo representacional e a intencionalidade, são a semântica interna, explicação causal-funcional e a compatibilidade com a naturalização onde o representacionismo oferece um campo compatível e fértil, que existe devido a ser uma explicação coerente e empiricamente promissora para a intencionalidade. Afinal representações são passíveis de atribuição de sentido (conteúdo), onde este estado mental contendo proposição e valores semânticos pode ser avaliado em termos de verdade/erro, referência e adequação; As explicações causal/inferencial das representações, que podem servir de guia para ações e acionar inferências, assim conectando as informações neurais a sua função intencional; O foco no representacionismo se mostra uma área frutífera para estudos, tanto semânticos (filosóficos) quanto empíricos (neurocientíficos).

A pesquisa em questão tange questões como o que a mente realmente é, um sistema de representações internas ou um conjunto de disposições/comportamentos; A possibilidade de naturalizar a intencionalidade em termos científicos (em campos como da neurociência, ou psicologia cognitiva); Por fim se a noção Representacional é dispensável ou não, afinal seria apenas um termo útil até o momento, esperando para ser descartado por conceitos científicos mais precisos, ou se o mesmo é suficiente para se sustentar nos campos de conhecimento já expostos.

4. CONCLUSÕES

Na presente investigação filosófica, que encontra-se ainda em desenvolvimento, é possível encontrar apenas conclusões parciais, como o estudo de tal tema é fundamental para entender como o aparato cognitivo, junto às informações contemporâneas de origem empírica, podem elucidar e contribuir com as teorias de representação e intencionalidade, que são relevantes para entender em sentido descriptivo, o funcionamento mental, e a aquisição de conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JACOB, Pierre. **Intentionality**. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. First published Aug. 7, 2003; substantive revision Feb. 7, 2023.

PITT, David. **Mental representation**. In: *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. First published Mar. 30, 2000; substantive revision Jan. 21, 2020.

JOHN R. SEARLE. **Intencionalidade**. Martins Fontes. 2002.

RITCHIE, Jack. **Naturalismo**. Londres: Routledge, 2014.

ERIC R. KANDEL. **Princípios de Neurociência**. AMGH, 5^ªed. 2014.